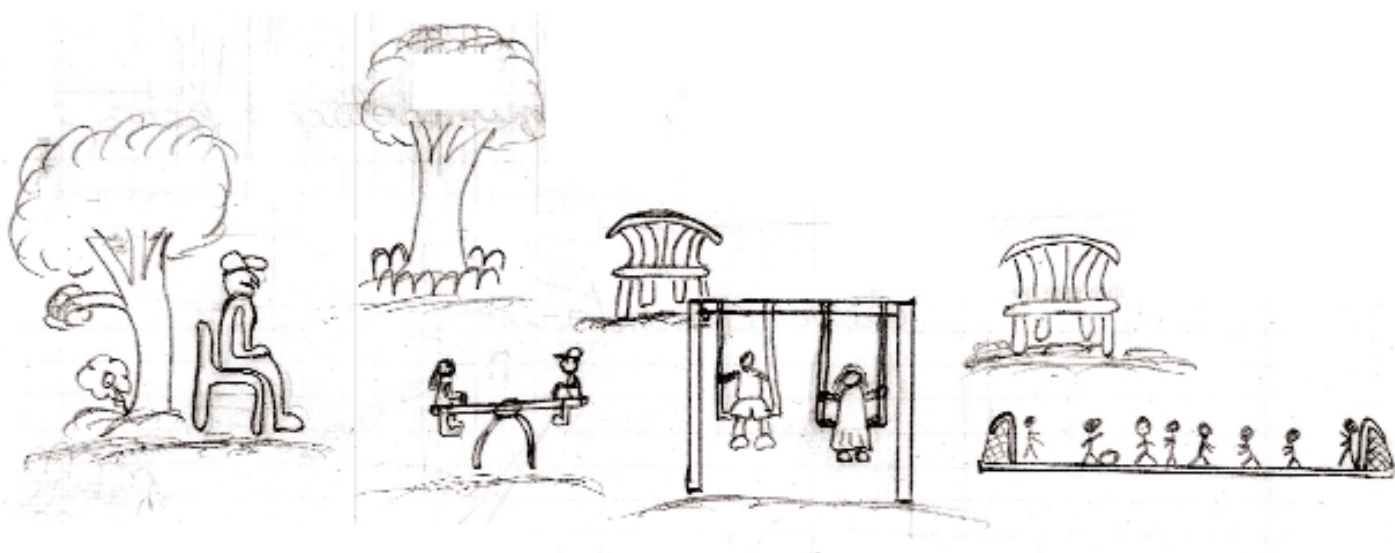
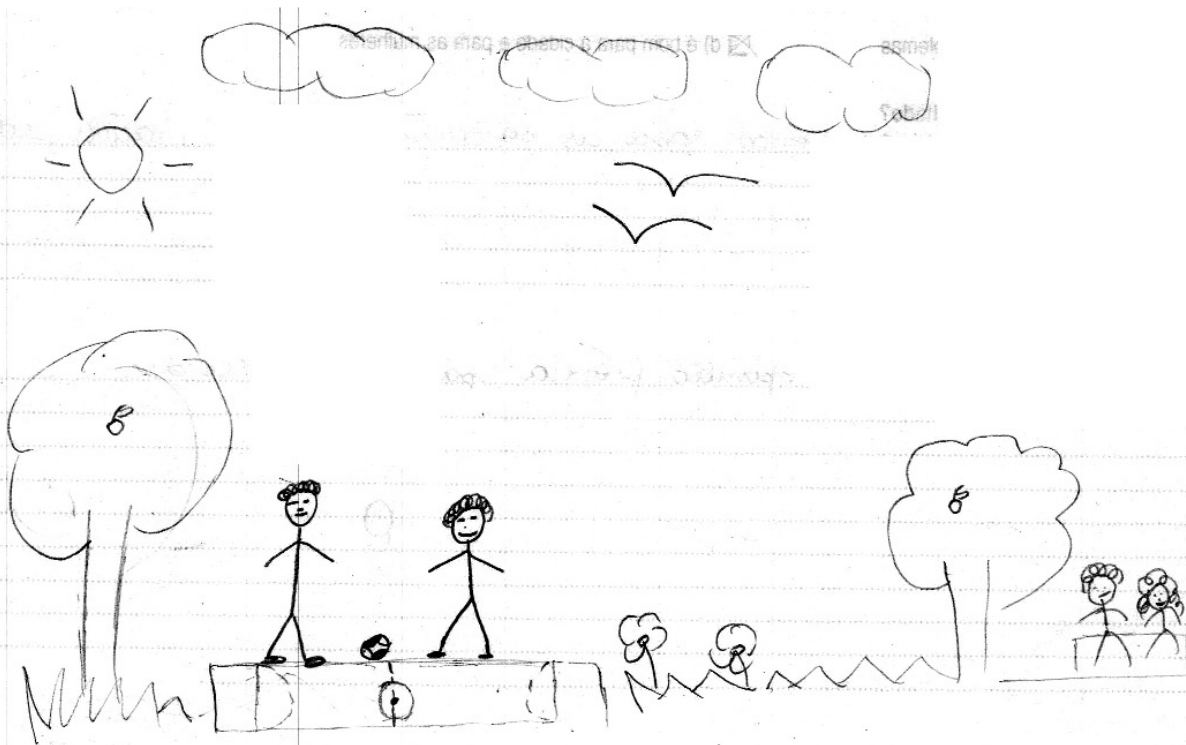


Renata Santos da Silva



Rosângela Leandro do Carmo



Samira Cristina Andretto

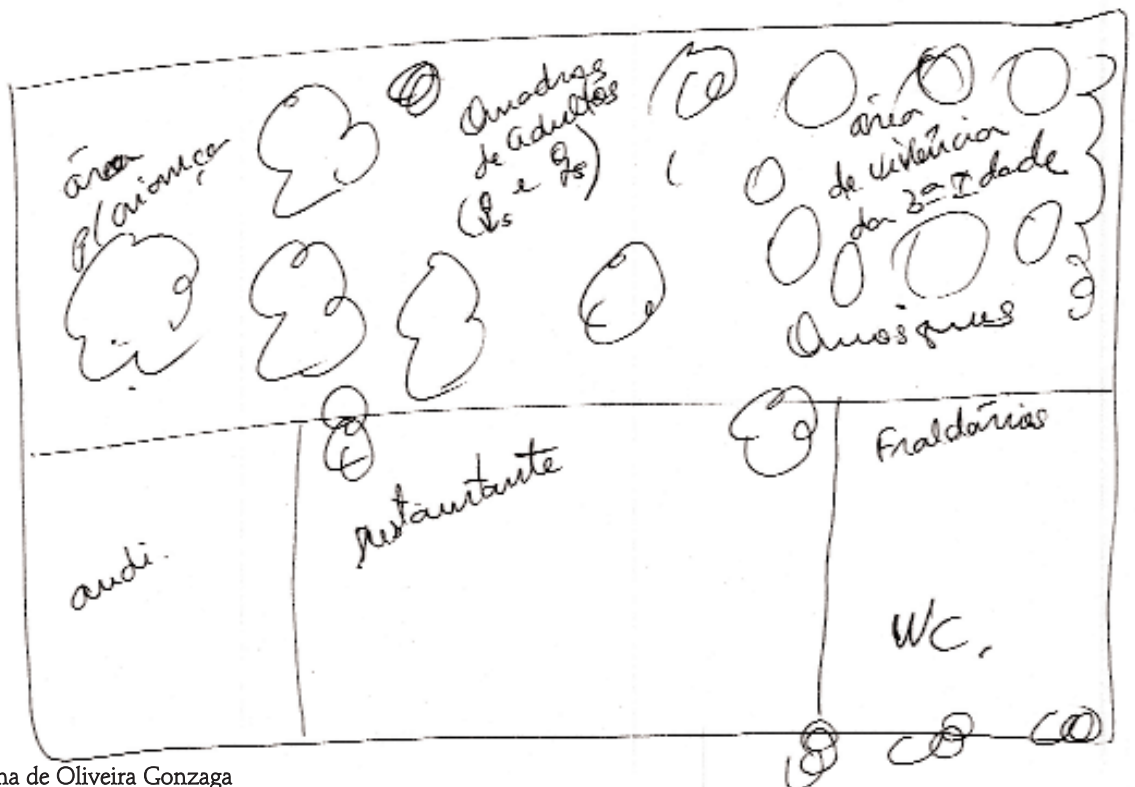
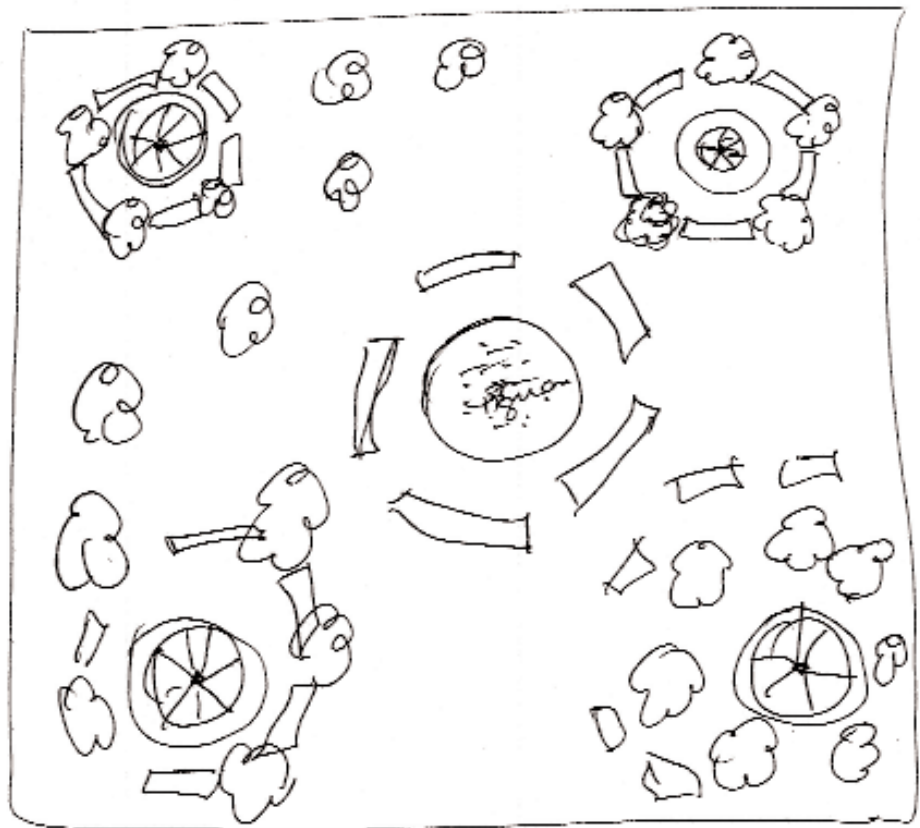


Simone Alves Pereira

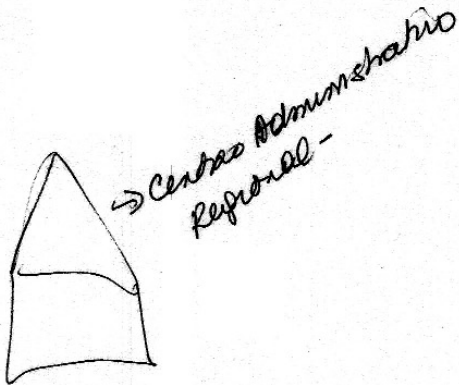
EU ACHO QUE UMA PRAÇA DEVE
TER - ÁRVORES,
JARDINS,
BRINQUEDOS P/ CRIANÇAS
BANCOS
PASSEIO

PISTA P/ CORRER
ÁREA P/ BICICLETA
ÁGUA (FONTES, LAGOS, ETC.)
ÁRVORES
BANHEIRO
LANCHONETE
ÁREA P/ SHOW
VIVEIRO
CANTEIROS

Soraia Vidal



Terezinha de Oliveira Gonzaga

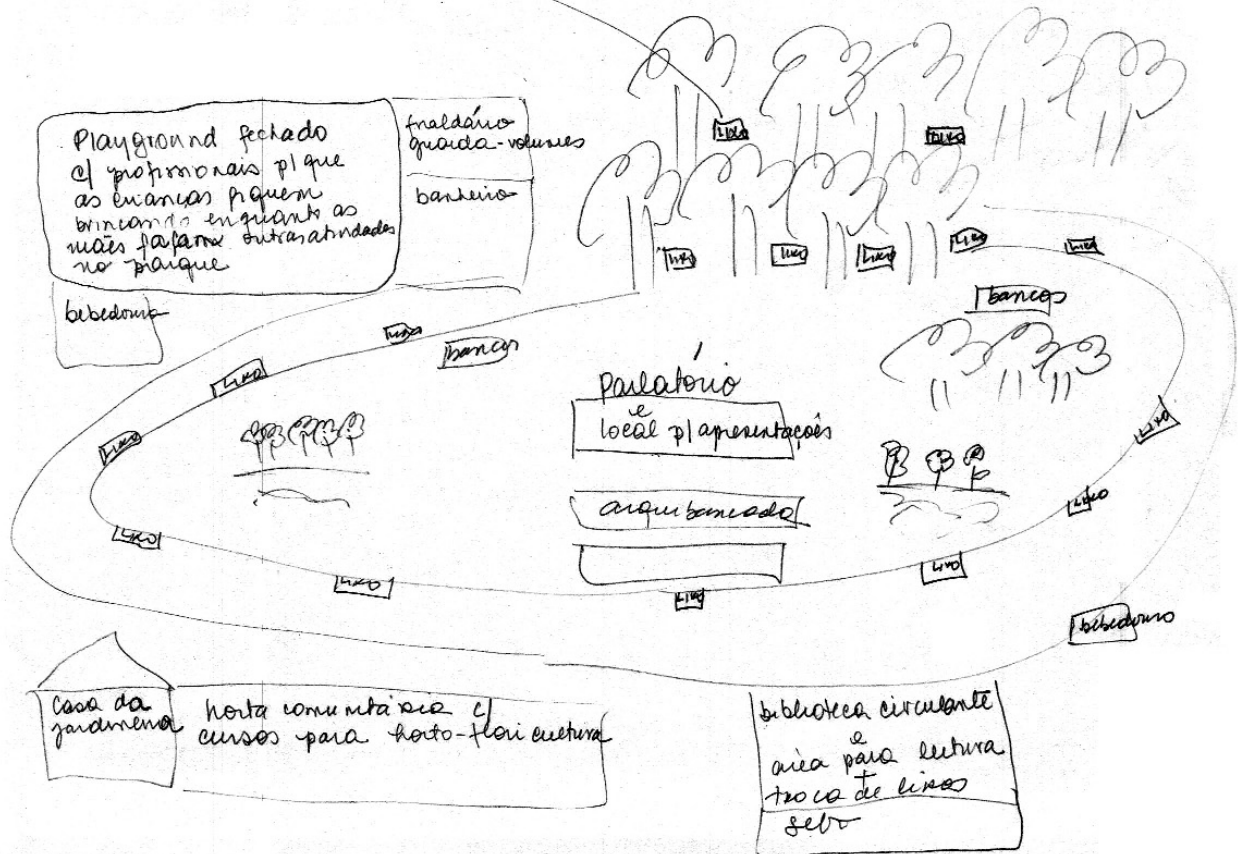


Lanchonete com comida e sucos naturais

Centro de atendimento à saúde:
 1) condonacionamente físicos (peds)
 2) médicos
 3) dentista
 4) oftalmos

Quadra

Lixo e containers para reciclar

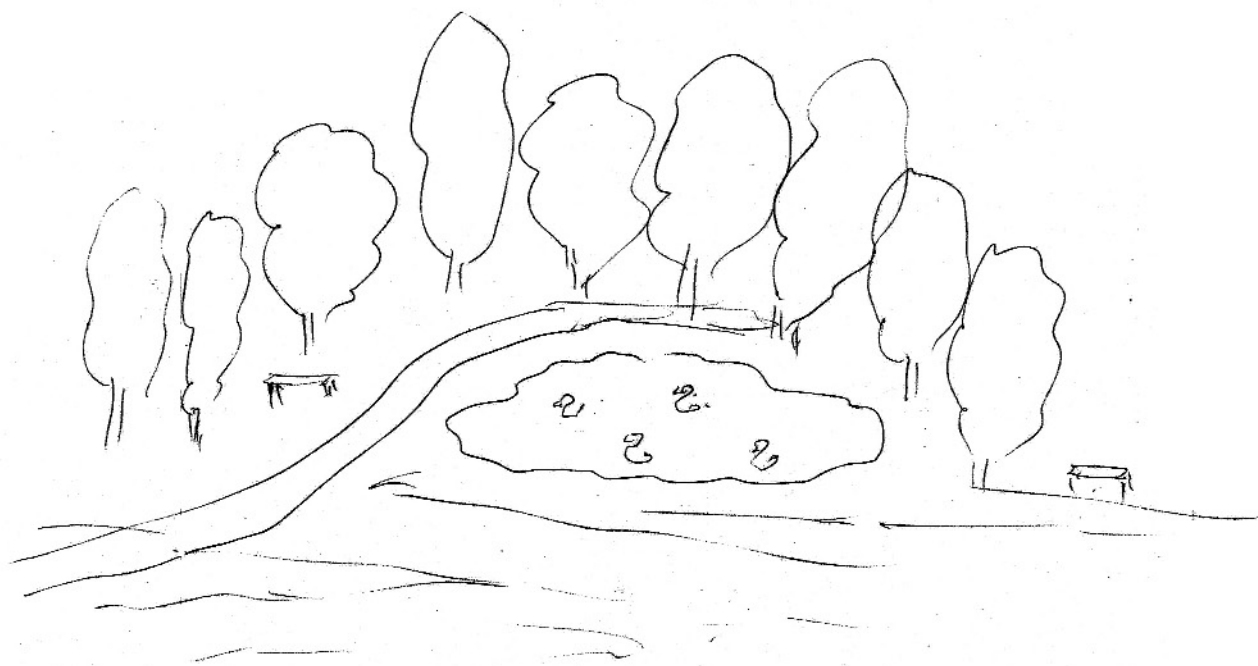


Valéria, professora, 31, Brás, Branca

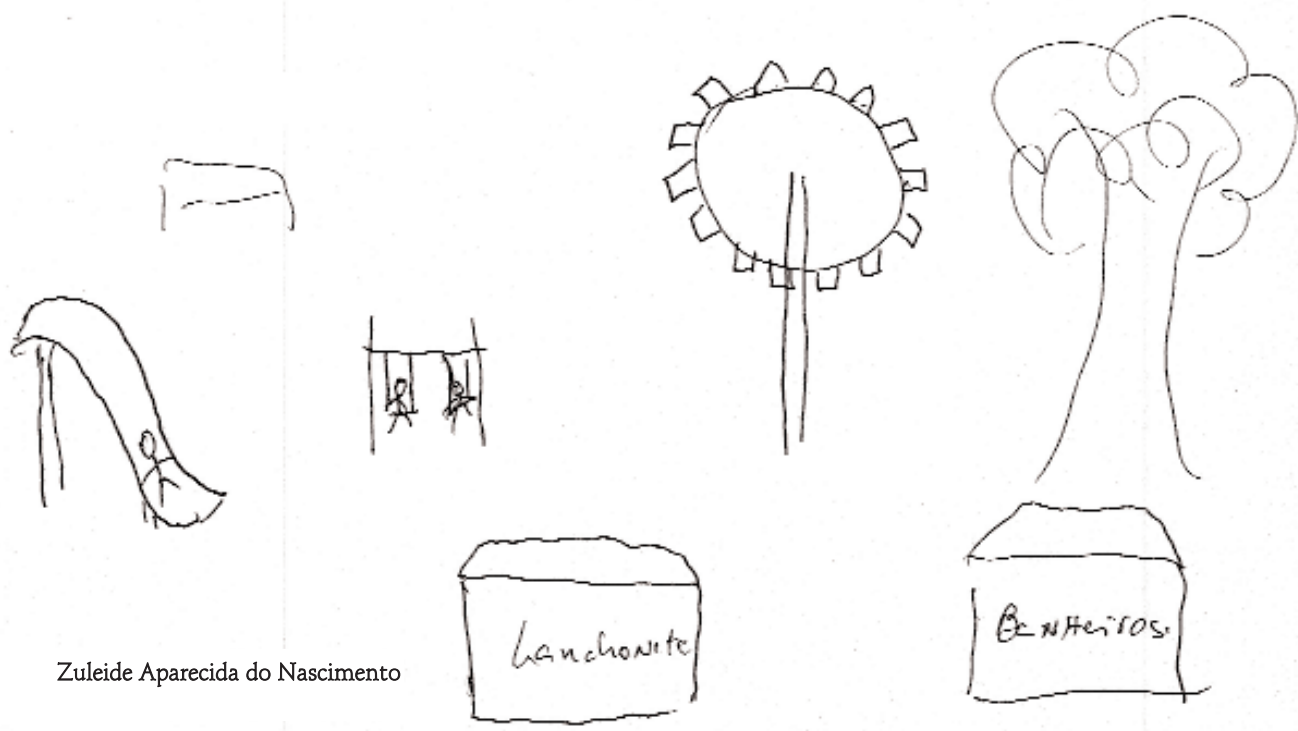
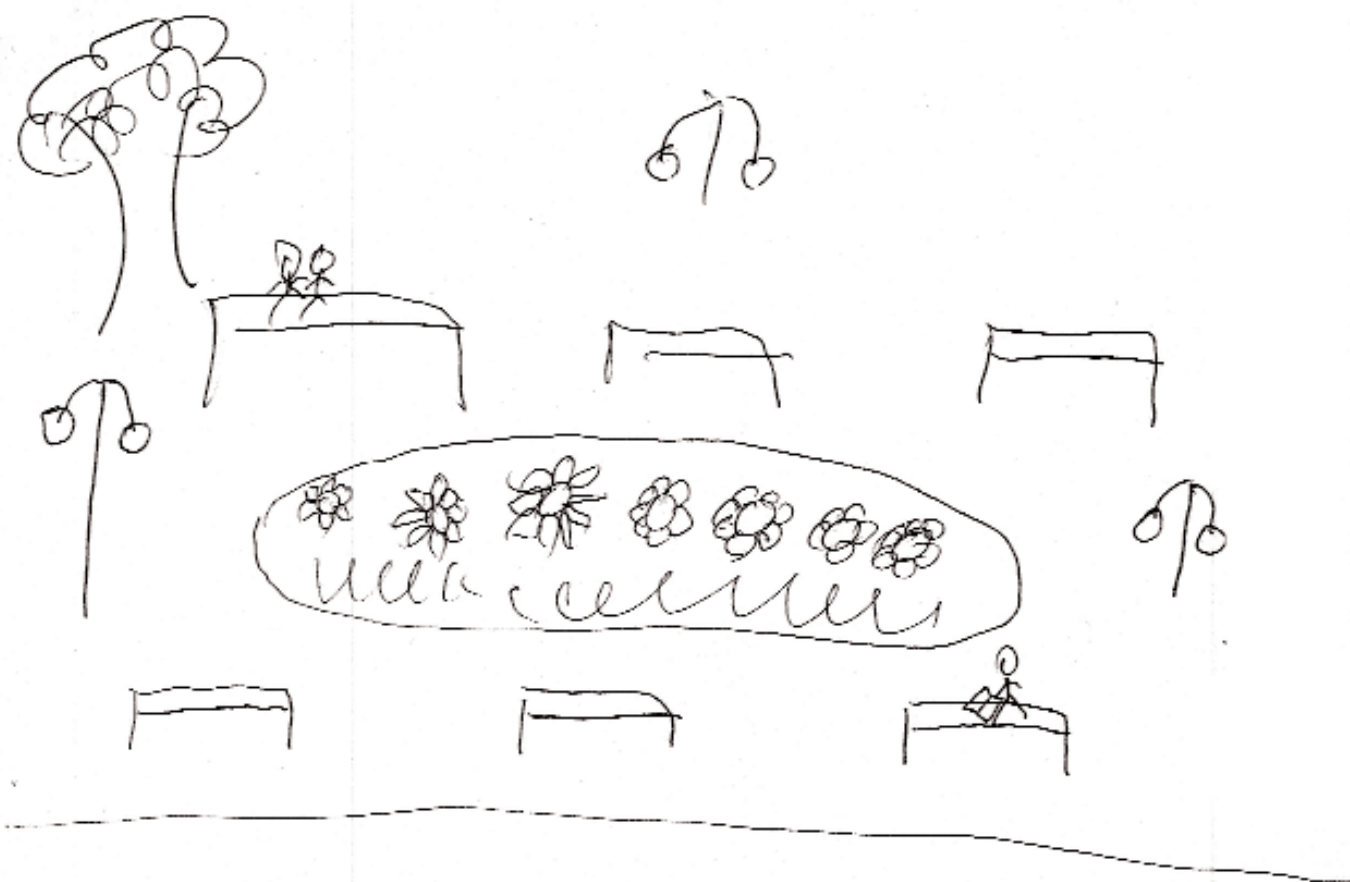
Valéria Jacó Monteiro



Vera Lúcia Xavier



Zelia Sakugawa



Zuleide Aparecida do Nascimento

As mulheres pensando, decidindo e intervindo no espaço da cidade de São Paulo

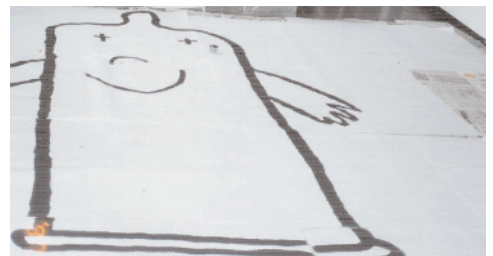
Adotando como metodologia de investigação da questão urbana fundada sobre conhecimentos sociológicos, tecnológicos, econômicos e mesmo físico-espaciais, que se apoiam na própria história é que aqui retrato a experiência, sociológica, psicossociológico, antropológica e de intervenção a partir de um locus feminista uma intervenção ideológica através de outdoors para mudança de comportamento, combater e prevenir a contaminação pelo HIV, produto da 2ª geração de feministas, algumas filhas de feministas outras de lideranças moradoras da periferia, meninas de 14 a 23 anos, em 1997 pós IV Conferência Mundial de Mulheres. Estas fazem parte das 282 pesquisadas por questionário e com desenhos analisados acima.

Aqui destacamos o processo de capacitação e formação de 21 jovens mulheres de entidades populares e de associadas da União de Mulheres, e realizado no espaço físico e político da União de Mulheres de São Paulo. Iniciou-se com duas jovens filhas de sócias da União que se organizaram através da União de Mulheres e decidiram construir um projeto ao qual deram o nome de Agentes Multiplicadoras em Defesa da Saúde. Neste, refletiram sobre sua cidadania, conhecendo a Constituição, o conceito de políticas públicas, adquiriram técnicas de teatro e artes plásticas.

Elegeram como preocupação primeira a defesa da saúde. A maior preocupação dessas jovens é a saúde, a sexualidade e as relações interpessoais. Foi apresentado a elas um programa de oficinas sobre o conhecimento do corpo, com vivências físicas e psíquicas para o desenvolvimento das relações interpessoais, proporcionando intercâmbio com jovens que já estavam refletindo sobre as questões da sexualidade, prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, dando destaque para a AIDS.

Refletiram. Passearam seu corpo, sobre seu subjetivo. As reflexões foram dirigidas utilizando-se técnicas de simulação de situações cotidianas propostas por elas mesmas e tiradas de seu dia-a-dia. Realizaram oficinas de reflexão com dramatizações. Estudaram textos e os construíram. Foram apresentados textos sobre a anatomia humana, com bonecos, como a Gertrudes. Escolheram textos para estudar em grupos. Responderam a questões, leram as apostilas, debateram com as palestrantes.

Concluíram que era fundamental interferirem na sociedade e criaram instrumentos por meio da técnica das expressões teatrais (com bonecos de sombras), assim como das técnicas teatrais e artes plásticas. Criaram campanhas de prevenção e de alerta ao HIV, e alguns textos teatrais. Por meio do desenho desenvolveram cartazes, depois transformados em art-doors, no caso, *out-doors* artesanais, que a Central de Outdoors fixou nas principais áreas da cidade de São





Paulo (Avenida 9 de Julho, Estrada do Sapopemba e Estrada do Campo Limpo) em 1997.

Algumas considerações

Esta análise que passamos a descrever foi um trabalho desenvolvido com a utilização de métodos aprendidos na disciplina Sistemática de Pesquisa na Linguagem do Desenho. Dividiremos em duas categorias as análises dos desenhos:

a) no sentido da percepção ambiental coletiva e b) no sentido da percepção ambiental individual. Apenas como método de análise, com certeza essas percepções estão imbricadas com outras análises da subjetividade que não nos arriscamos a inferir.

a) No sentido da percepção ambiental coletiva:

- Há elementos, na praça e no parque, que sempre estão referidos e presentes.
- Há noção de espaços delimitados para a praça e para o parque, originando perímetros que podem ser semelhantes quanto à dimensão de áreas neles contidas e diferentes quanto a elementos que marcam seus limites.
- Há uma forte marca de identidade para a definição de praça e parque, pelo uso que geram como percursos ao ar livre: estar ao ar livre com apoio de equipamentos diversos e necessários a permanências e à realização de percursos sejam estes passeios ou não. Os usos são essenciais para se poder ter um prolongamento das casas de moradia, porém, com a possibilidade do ar livre. No caso de mulheres, sempre presente a preocupação com a/o outra/o. Carrinhos de comida, água, segurança, brinquedos.
- Revela-se a legibilidade do parque e da praça pela presença da natureza, assinalada pela vegetação de vários portes e tipos, do sol, da atmosfera; mesmo denotando-se que a presença da vegetação e de outros elementos naturais, é menor do que deveria ser; quase não se menciona o elemento água, por exemplo.
- Há o sentido do lazer, observado nos comportamentos lúdicos, reforçados pela existência de brinquedos; a presença do ser humano criança em praças e parques é lugar-comum, reforçando o sentido de família (mãe e filho, etc.).
- Há o anseio da prática de esportes não só como lazer, mas com o interesse em futura profissionalização (tipos diferentes de esportes, visando uma educação para o futuro), não para elas.
- Há falhas nos relacionamentos e no convívio social, o que revela a aridez de tratamento entre as pessoas em cidades grandes, hoje em dia, fruto do receio de ter retornos negativos. As palavras que resumem esse sentido são medo,



desconfiança, desilusão, violência. Houve quem indicasse como identidade de convivência cotidiana nesses lugares a segurança, para evitar o perigo sempre presente, isto é, imagem da violência induzida, inesperada.

Outros indicadores são de interesse quanto à organização do espaço urbano. Como se cada “perceptora” fosse uma aprendiz de arquiteta, qualquer uma delas – aliás, qualquer leiga/o – consegue relacionar volumes, dimensões, alturas, larguras, desenhos iconográficos de edificações, contornos, etc.

Outra evidência do anseio por um uso mais criativo e mais intenso do espaço é à busca do humor pelas caricaturas, quando elas criavam personagens tomando o espaço/praça e espaço/parque como suporte para “histórias em quadrinhos”, o tipo de ficção que com tanta facilidade comunica conhecimentos a qualquer perceptora/or. Era como se cada uma delas estivesse construindo uma “cartilha visual” para dizer o que é um parque ou uma praça.

b) No sentido da percepção ambiental individual:

- Os elementos referidos e considerados como comuns à percepção coletiva passam a receber interpretações pessoais e que dependem da personalidade de cada uma/um: a formação e a educação que cada uma teve, as preferências orientadas pela vivência cotidiana e pelos anseios de alcance. Revela-se a projeção de cada indivíduo no todo da coletividade: a unidade projetada no todo, pressupondo a existência de um todo que respeite cada unidade.

- (nós) Cada ser humano tem uma imagem própria e procura os meios de sentir e entender como sua imagem está inserida no meio circundante espacial. Cada elemento ou objeto pode ser uma identificação mais próxima ao modo de ser de cada uma/um, induzindo a compreender o ambiente como se ele fosse a reflexão sobre cada pessoa, originando a significação da(o) “perceptora(or)”.

Esses indicadores revelam que vão das significações sociais e econômicas, até as informacionais e estéticas, todas elas com a possibilidade de afetividade: positiva, negativa ou neutra.

Conclusões

Como conclusões gerais, cada um dos conjuntos de indicadores provenientes desses “perceptores” coletivos ou individuais fornece as/os arquitetas(os) e urbanistas dados de interesse a contribuir para a análise do “desenho/projeto” de parques e praças.

Nesse processo ficam evidenciados quais elementos estruturais e de significação devem ser mais bem elaborados a fim de se ter de volta uma percepção ambiental rica em valores, que a cidade deveria proporcionar. Assim se chega a um projetar que tem condições, mesmo que não as efetive, de obter a

melhor “apropriação à leitura visual”, na abrangência coletiva e nas possíveis variações que podem compor anseios a cada cultura urbana, levando-se em consideração a percepção feminina.

Constituir “códigos” acessíveis aos tipos de perceptoras(es) de cada lugar, como as mulheres jovens, em nosso caso, é um ponto-chave a orientar uma pesquisa que vise a elaborar planos e projetos, por exemplo, de praças e de parques urbanos.

Possibilita constituir conclusões mais dirigidas à linguagem do “desenho”, situadas na relação entre o espaço natural e espaço cultural.

É a resultante perceptiva que revela de modo mais gritante a carência cada vez maior de elementos naturais, que geram um desequilíbrio crescente verificado com a imposição, por parte da indústria da construção civil e das imobiliárias, de mais e mais espaços edificados e construídos. Isso chama a atenção para a importância da educação perceptiva ambiental, pela qual as/os arquitetas(os) e urbanistas são responsáveis quando se trata do desenho urbano, com todas as suas significações pluridisciplinares, que originam a comunicação ambiental. Desenho que deve visar à elevação da qualidade de vida e, em nosso caso, a afirmação da identidade cultural das mulheres.

Do ponto de vista da análise e interpretação visuais propriamente ditas, cada descrição fornece informações para que sejam produzidas as sínteses geométricas mais indicativas, como plantas, vistas e elevações, mostrando a ordenação de percursos preferenciais, de limites perimetrais. E aí se definem superfícies e volumetrias, acrescentando-se detalhes de tipos de equipamentos, e exemplos de desenvolvimento de elementos naturais no espaço/tempo. As informações plasmadas em projeto tornam possível esse reforço da identidade graças ao aparecimento de um acordo profundo, que pode ser verificado na interação de uma realidade física única, uma cultura comum e uma natureza psicológica básica.

Segundo Kevin Lynch, “os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e suas atividades, são tão importantes como suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadoras(es) deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele, participando com as/os outras(os) num mesmo palco. Na maior parte das vezes, nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos, e a imagem é o composto resultante de todos eles”.

“A cidade não é apenas um objeto perceptível (e talvez apreciado) por milhões de pessoas das mais variadas classes sociais e pelos mais variados tipos de personalidades, mas é o produto de muitas(os) construtoras(es) que constantemente modificam a estrutura por razões particulares. Se, por um lado, podem-se manter as linhas gerais exteriores, por outro, há uma constante mudança no pormenor. Apenas parcialmente é possível controlar seu crescimento e sua forma.

¹⁰ Lynch, K. *A imagem da cidade*, p. 11-2.

¹¹ *Ibid.*, p. 22.

Não existe um resultado final, mas somente uma contínua sucessão de fases. Assim, não podemos admirar-nos pelo fato de a arte de dar forma às cidades, visando um prazer estético, estar bastante distante da arquitetura, da música ou da literatura. Pode aproveitar delas grandes contributos, mas não as pode imitar”¹⁰.

Mais adiante, continua Lynch, “do mesmo modo, temos de aprender a ver as formas ocultas na vasta área de nossas cidades. Não estamos habituados a organizar e a imaginar um meio ambiente artificial em tão larga escala; no entanto, nossas atividades coagem-nos a tal”¹¹.

Legibilidade: O olhar das mulheres jovens

Esta pesquisa ocupa-se da qualidade do ambiente e dos serviços da cidade de São Paulo, e das características visuais dos parques e praças, estudando a imagem mental que as cidadãs entrevistadas têm dela. Concentra-se especialmente numa qualidade visual particular: a aparente clareza ou “legibilidade” dos parques e praças através dos desenhos dessas mulheres. Concentra-se também sobre as imagens sugeridas pelas respostas às perguntas abertas e fechadas.

Com isso, tentamos abordar a menor ou maior facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente. Se esse todo for legível, pode ser compreendido visualmente como uma estrutura de símbolos reconhecíveis. Assim também uma cidade legível seria aquela cujas freguesias, sinais de delimitação ou vias são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais.

Lynch defende “que a legibilidade é crucial na estrutura citadina”. Por isso, propõe-se a analisá-la em pormenor e tentar mostrar como este conceito pode, hoje em dia, ser usado quando se reconstroem nossas cidades”. O estudo proposto por ele é “uma exploração preliminar, uma primeira palavra, e não a última, uma tentativa de atrair atenções e sugerir como as idéias podem ser desenvolvidas e postas à prova”¹².

O aspecto experimental ressaltado por esse autor é o que julgamos estar presente também em nossa atividade não só a de pesquisa, mas também o trabalho político de crítica, conscientização e construção. Estamos constantemente em nossos embates, discussões e práticas sondando esse sentir e esse querer coletivo das mulheres, pois a “clareza ou legibilidade de modo algum é a única característica importante de uma cidade bela, a sua relevância adquire um significado especial quando se observam arredores na escala urbana de tamanho, tempo e complexidade. Para compreender isto temos de considerar a cidade não como algo em si mesmo, mas a cidade objeto da percepção de seus habitantes”¹³.

Além disso ainda, Lynch afirma que “os psicólogos também estudaram esta capacidade humana, se bem que o tenham feito de maneira vaga ou em

¹² *Ibid.*, p. 13.

¹³ Lynch, K. *A imagem da cidade*.

¹⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 13.

¹⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 14.

¹⁶ Lynch, K. *A imagem da cidade*.

condições experimentais limitadas”¹⁴.

Diz mais que, “para a maior parte das pessoas da cidade moderna, perder-se totalmente dentro dela é, talvez, uma experiência rara. Somos apoiados pela presença de outros e por planos especiais de orientação: mapas, nomes de ruas, sinais de rota, cartazes de autocarros”¹⁵. Lynch fez esta afirmação há perto de quatro décadas. Atualmente as/os psicólogas(os) estudam a construção de representações que sua obra pode causar aos seres humanos e ao corpo social.

Assim como pensamos em geral em termos de orientação, esse autor imagina a hipótese contrária, e fica ainda mais claro o quanto é importante construir esse processo de expressão, auscultação e projeção socialmente dirigida. “Mas permitamos que o dissabor da desorientação suceda uma vez e a sensação de ansiedade e até de terror que o acompanha revelam-nos como tudo isto está ligado a nosso equilíbrio e bem-estar”. “A própria palavra `perdido`, em nossa língua, significa muito mais do que as incertezas geográficas que acumulam nela cargas de extrema desventura”¹⁶.

No curso de preparação das mulheres para o mutirão da CDHU oferecemos uma série de oficinas em que elas desenvolviam mapas com o percurso que faziam e o entorno de suas casas, assim como exercícios de utilização do guia de ruas. Relemos as sinalizações comerciais e os signos que estão na cidade. Nessa experiência elas redescobriram até pontos comerciais mais próximos de suas casas, mas que, com a rotina, passavam despercebidos.

Kevin Lynch auxilia-nos a entender melhor nossa experiência, e, por outro lado, depois de passar por ela, a teoria de Lynch fica mais clara para nós: “No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada, e ela está habituada a interpretar informações e a comandar ações. A necessidade de conhecer e estruturar nosso meio é tão importante e tão enraizada no passado, que esta imagem tem uma grande relevância prática e emocional no indivíduo”¹⁷.

Este capítulo foi o trabalhado durante o processo primeiro da pesquisa que ainda, era o mestrado. Minha intenção é transformá-lo num livro cruzando dados como solteiras x casadas que trabalham longe da moradia, a questão da maternidade, da inclusão digital e a escolaridade permeando o impacto na demografia, na reprodução. Assim como a questão do das 48% que também, trabalham fora de casa. Assim como um aprofundamento na análise dos desenhos. As experiências seguintes utilizei de forma apurada estas impressões colhidas na pesquisa de campo, principalmente, as anotações daquelas que foram muitas, que falaram muito do que a grandeza em termos físicos, territoriais e culturais modificaram suas representações primeiras inclusive as que vieram meninas de suas terras natal.

¹⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 14.

